

ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas
Conceição Lopes
- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo
Fernando Santos Pessoa
- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa
- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques
Nouri Boukhchim
- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa
- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)
Beya Abidi

ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar
Gonçalo Duarte Gomes
- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez
- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández
- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista
- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)
Meriem Marzouki
- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie
Ons Najjar, Raja Gzara
- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** *Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen*
Leila Harabi

ENTRE FRONTEIRAS ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago
Jorge de Oliveira
- 94** *Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** *Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa*
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** *Estremoz: assentamento e fronteira*
Ana Costa Rosado

ENTRE ÁGUAS ENTRE LES EAUX

- 112** *A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX*
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** *La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo*
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI*
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** *Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares*
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** *Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco*
Filipe Mário Lopes

ENTRE TEMPOS ENTRE LES TEMPS

- 139** *Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal*
Maria Fernandes
- 142** *A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo*
Vítor Ribeiro
- 149** *Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie*
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** *Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura*
Miguel Ferreira Mendes

A ARQUITETURA CORRENTE DO BAIXO GUADIANA ATRAVÉS DA ARQUEOLOGIA: A PARCELA DO EDIFÍCIO DOS ANTIGOS CTT DE ALCOUTIM ENTRE OS SÉCULOS XV A XX

Marco Fernandes

CAM / CEAACP – marcodiasf@gmail.com

Virgílio Lopes

Bolseiro Pós-doutoramento FCT / CAM / CEAACP – virgilioamlopes@sapo.pt

Susana Gómez Martínez

CAM / CEAACP, Universidade de Évora – susanagomez@sapo.pt

Miguel Reimão Costa

CAM / CEAACP, Universidade do Algarve – mrcosta@ualg.pt

Alexandra Gradim

Câmara Municipal de Alcoutim – arqueologia@cm-alcoutim.pt

Palavras-chave: Alcoutim, arqueologia urbana, Idade Moderna e Contemporânea, arquitetura vernacular

1. Introdução

O edifício dos antigos CTT de Alcoutim localizava-se na vertente oeste do castelo desta vila, numa parcela com área total de 305 m², sendo delimitado a leste pelo Largo do Castelo e, no lado oposto, pela Rua D. Sancho II (fig. 1). A Câmara Municipal de Alcoutim, proprietária do imóvel, pretende construir no local um prédio de habitação coletiva. Para tal, era necessário proceder-se à demolição integral do preexistente e escavação do subsolo para a construção do novo edifício.

Dada a proximidade do castelo, esta área está abrangida pela Zona Geral de Proteção (ZGP) da “Fortaleza de Alcoutim”, pelo que a Direção Regional de Cultura do Algarve exigiu a realização de trabalhos arqueológicos. Estes foram efetuados pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola, entre agosto de 2019 e fevereiro de 2020, tendo sido organizados em duas fases. Na primeira fase, num momento pré-empregada, foram executadas quatro sondagens de diagnóstico, num total de 26 m². Na segunda fase, iniciada com o princípio das obras, foi realizado o acompanhamento arqueológico da demolição mecânica do prédio existente, assim como da escavação, igualmente por meios mecânicos, dos níveis de cronologia de formação contemporânea. A partir dos níveis de cronologia moderna, foi feita uma escavação arqueológica manual até ao substrato rochoso ou até ao nível de afetação previsto pelo projeto.



Fig. 1 Localização do edifício dos antigos CTT de Alcoutim, assinalado a vermelho

Com o presente artigo, pretende-se fazer um balanço dos resultados destes trabalhos arqueológicos, procurando beneficiar do conhecimento produzido pela arqueologia para a interpretação da história da arquitetura doméstica, considerando simultaneamente, e de modo integrado, os contributos do âmbito da arquitetura vernacular e da história documental. Para este propósito, é particularmente relevante, não apenas, a presença, nos níveis inferiores, da característica habitação corrente do período tardo-medieval / moderno, mas também de diferentes estruturas posteriores que permitem compreender os diversos momentos de transformação do conjunto edificado da parcela. O artigo é organizado em três partes distintas: numa primeira parte, são identificadas, de forma muito sintética, as evidências arqueológicas atualmente conhecidas que marcam a ocupação do território próximo de Alcoutim; numa segunda parte são descritas cronologicamente as diversas estruturas encontradas no contexto dos trabalhos arqueológicos, registando os temas de transformação da arquitetura corrente; e, numa terceira parte, conclusiva, o objeto específico dos trabalhos arqueológicos será interpretado à luz do conhecimento sobre a história da casa do Baixo Guadiana, através de um olhar necessariamente breve e preliminar.

2. Breve enquadramento da paisagem histórica de Alcoutim

Os vestígios arqueológicos mais antigos identificados até agora na vila de Alcoutim localizam-se na área do castelo. Trata-se de evidências residuais, estruturas e materiais, identificadas durante trabalhos arqueológicos realizados na década de 1990, cronologicamente atribuídas à Idade do Ferro e época romano-republicana (Catarino, 1994 p. 666; Catarino, 2003, p. 163).

No período romano deverá ter existido um assentamento humano, a norte da Ribeira dos Cadavais ou de S. Marcos (Nunes, 1985, pp. 21 e 46), localmente conhecido como Rossio, porque, durante a construção de um tanque de tratamento de águas de saneamento, se identificaram materiais de construção deste período, dos quais *se destacam alguns tijolos de quadrante* (Catarino, 1994, p. 666).

Durante o período islâmico, este núcleo populacional parece ter sido transferido para o Cerro do Castelo Velho, situado 1 km a norte da atual vila, tendo uma ocupação comprovada entre finais do século VIII/inícios do século IX até à primeira metade do século XII (Catarino, 1997-98,

pp. 586-587, 598). Não se sabe ao certo em que momento a ocupação humana retomou o atual lugar desta localidade. Porém, no final da década de 30 do século XIII o território de Alcoutim é conquistado pelos cristãos. Os dois primeiros documentos portugueses, que referem Alcoutim, pertencem à Chancelaria de D. Dinis, que em 1302 atribui o padroado das igrejas e do seu termo à Ordem de Santiago (Magalhães, 2008, p. 52) e que a 9 de janeiro de 1304 concede carta de foral, pedindo *que esta zona fosse povoada por homiziados, criminosos civis*. A partir desta última data ter-se-á dado a construção do castelo de Alcoutim, que funcionará como praça militar fronteiriça (Catarino, 1994, p. 659).

A localidade será palco das Pazes de Alcoutim, em 1371, acordo assinado entre D. Fernando e D. Henrique II de Castela (Catarino, 1994, p. 659) e, em finais do século XV, D. Manuel ordena a criação do Condado de Alcoutim (Gradim, 2008, pp. 40-41) – que, mais tarde, será integrado na Casa do Infantado, na segunda metade do século XVII, até à sua extinção em 1834 (Nunes, 1985, pp. 165-166). A sua posição defensiva é ainda confirmada pela, apesar de tudo, efémera muralha quatrocentista (Mendes & Pereira, 2010, pp. 25-26) e pela cerca seiscentista construída durante as Guerras da Restauração (1640-1668), dada a proximidade da fronteira com Espanha (Gradim, 2006, pp. 40-41).

Em 1855 inaugura-se o serviço de telégrafo em Portugal e pouco tempo depois este terá chegado a Alcoutim. O edifício, no qual se realizaram estes trabalhos arqueológicos, terá sido, pelo menos, a partir de 1880, a sede da estação de telégrafo-postal, conforme era designada, sendo que o serviço postal já existia desde 1853, aquando da primeira reforma postal (Borralho, 2015, pp. 3-17), assim como a residência dos guarda-fios, profissão que tinha como função a manutenção da linha telegráfica na área da sua circunscrição. No século XX o edifício foi adaptado a posto dos CTT, perdendo o seu carácter residencial só nos anos 90, mas, mantendo-se em funcionamento até 2002.

3. Os trabalhos arqueológicos

Os trabalhos arqueológicos realizados neste sítio permitiram identificar vestígios de uma ocupação humana com início no século XV até à atualidade. De facto, este revelou ser um espaço vivo e dinâmico durante seis séculos, onde, de forma gradual, se foram construindo, usando e umas vezes abandonando, outras refuncionalizando, estruturas com características distintas.

Por se localizar em zona de encosta, a ocupação identificada teve que se adaptar à topografia existente (Varanda, 2015, p. 87), desenvolvendo-se a partir da formalização de diferentes patamares. Outro aspeto interessante notado, que se prende com a fraca capacidade drenante do substrato rochoso local, composto por xistos e grauaques, foi a necessidade registada nos diferentes momentos construtivos de se garantir um devido escoamento das águas pluviais no terreno, a partir de caneiros destinados a essa função. Estes são construídos recorrendo a soluções económicas, tais como paredes estruturadas com pedra de xisto, tendo como ligante, sobretudo, argamassas de terra, e de forma muito ocasional, argamassas de cal, seguindo as pendentes dos diferentes patamares criados nesta zona de encosta e usando-se como cobertura pedra irregular ou lajes de xisto. A partir do século XIX identificou-se a utilização de ladrilhos ou de tijolos maciços juntamente com a pedra nestas estruturas.

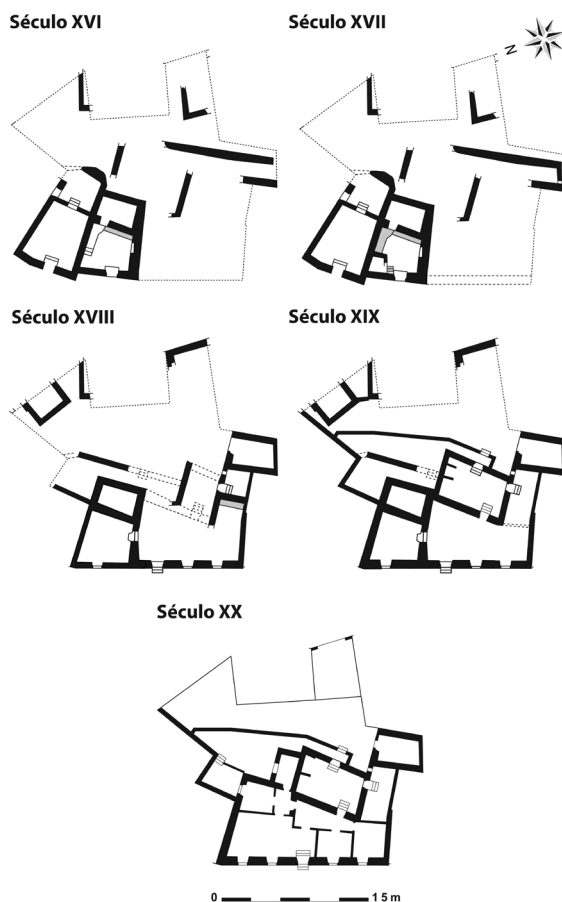


Fig. 2 Síntese evolutiva do edificado entre os séculos XVI a XX

O prédio que albergou a casa dos guarda-fios, assim como a estação de telégrafo-postal, ainda no século XIX, estava construído com paredes de alvenaria de pedra local ligada com terra, taipas e, observou-se, igualmente, o uso pontual de blocos de adobe na zonas superiores destes alinhamentos, onde assentava a cobertura do edifício, que era composta por um telhado de uma água, em telha local de canudo.

4. Sinopse da evolução do espaço

O momento mais antigo identificado foi atribuído ao século XV (fase I) e está associado à construção de um ambiente, do qual apenas restou pouco mais do que 0,5 metros de altura do seu aparelho construtivo, e vestígios associados ao antigo arruamento da Rua das Portas de Tavira (Gradim, 2006, p. 47), actual Rua D. Sancho II. Deste modo, é possível fazer recuar a existência de construções, neste lado desta via, ainda nesta fase (Gradim, 2006, p. 66). Este aparelho será reutilizado como embasamento na construção de uma parede exterior na fase seguinte.

Na fase II, correspondente ao século XVI (fig. 2), dá-se a construção de um muro de contenção de talude na área do logradouro e de duas novas vivendas, com acesso pela antiga Rua das Portas de Tavira. A primeira destas unidades habitacionais era constituída, pelo menos, por três compartimentos. Dela apenas se identificou, dentro da área de intervenção, uma das suas divisões. Porém, depreendeu-se a existência dos outros dois ambientes pela ocorrência de vãos de acesso, na direção dos terrenos vizinhos a noroeste e a nordeste. A segunda moradia era composta por duas divisões, tendo a casa de entrada um nível de circulação em calçada de seixos rolados (fig. 3). Com acesso pelo Largo do Castelo, identificaram-se dois



Fig. 3 Vista aérea das duas unidades habitacionais, cuja gênese está atribuída ao século XVI, identificadas na extremidade noroeste do terreno (Alexandra Gradim e João Carlos Simões)

compartimentos separados, um na extremidade nordeste do logradouro, em taipa, e outro, a sudeste do logradouro, em alvenaria de xisto ligada com terra. Este último compartimento mantém-se em uso até ao século XVII, sendo desativado na centúria seguinte. Na área central do logradouro também surgem nesta fase dois alinhamentos, orientados entre noroeste-sudeste, sendo o mais a nordeste em alvenaria de xisto ligada com terra, enquanto que o localizado mais a sudoeste era construído em alvenaria de xisto ligada com argamassa de cal.

Durante a fase III, atribuída cronologicamente ao século XVII (fig. 2), construiu-se um novo espaço, a nordeste do terreno, com acesso pelo Largo do Castelo, possivelmente de carácter habitacional. Em relação à segunda habitação, com acesso pela R. D. Sancho II, acima referida para a fase II, dá-se a desativação do nível de circulação original da casa de entrada, em calçada de seixos rolados, que será cortado por um novo sistema de drenagem de águas pluviais, e em cima do qual será colocado um novo pavimento de tijoleira. Na casa de dentro desta unidade habitacional é construído um pavimento de calçada de pedra de xisto. No final desta centúria procede-se ao entaipamento do vão de acesso que ligava à casa de dentro. Para tal é construído um novo pequeno compartimento no seu canto norte, possível despensa, desativando-se o conjunto de degraus que estabeleciam ligação com o vão de acesso atrás referido (fig. 3).

Na fase IV, correspondente ao século XVIII (fig. 2), é abandonado o muro de contenção de talude situado na área do logradouro, construído na fase II, e sucede-se o abandono da unidade habitacional junto à extremidade noroeste da atual parcela, dando-se o entaipamento dos seus vãos de acesso (fig. 4). Também se constrói um novo muro de contenção de talude no logradouro. Na extremidade nordeste é edificado um novo compartimento e, na extremidade leste, surgem dois alinhamentos perpendiculares, um deles limítrofe com o Largo do Castelo. No final deste século, a casa de dentro desativada na fase anterior, e pertencente à vivenda da extremidade noroeste, é utilizada como local de vazadouro de lixo doméstico, função que se estenderá ainda durante a primeira metade do século XIX, pelo menos. A sua casa de fora é definitivamente abandonada e o seu espaço é preenchido com entulhos produzidos pela sua demolição, após a construção de uma parede exterior, na actual Rua D. Sancho II. Com o nivelamento do topo deste nível, dá-se a construção de uma nova divisão, cujo nível de pavimento era

composto por argamassa, que articulava com um ambiente que terá existido, e do qual não se identificaram vestígios, para o lado sul (fig. 5). É também, neste momento, que são construídos os primeiros alinhamentos em alvenaria de pedra na extremidade sudoeste do terreno, formando um conjunto de dois espaços desnivelados entre si, onde, no ambiente do patamar inferior, são construídos um poial e um sistema de drenagem de águas pluviais.

Na fase V, dada no século XIX, é construído o edifício que servirá de casa de residência dos guarda-fios e estação de correios da vila de Alcoutim, usando, para tal, várias preexistências. Na zona do logradouro criam-se os diferentes patamares, a partir de dois muros de contenção de talude, um deles anterior a este momento.

Finalmente, na última fase (VI), ocorrida já no século XX, são construídas as paredes interiores do edifício, com tijolo maciço ligado com cimento, na disposição conhecida aquando dos inícios destes trabalhos arqueológicos. A partir de meados do século XX acrescenta-se ao corpo arquitetónico existente o compartimento das instalações sanitárias e a ligação de esgotos à rede de saneamento básico público, assim como a criação do nível de circulação em grés hidráulico em algumas das suas divisões.

5. Considerações finais: contributo para a história da casa do Baixo Guadiana

A parcela objeto de estudo integra-se, como vimos, na vertente oeste do cabeço do castelo de Alcoutim, junto ao principal eixo de composição do urbanismo da vila, marcado pela orografia característica das pequenas elevações sucessivas de xistos e grauvaques do Maciço Antigo. Este eixo redesenha a linha de drenagem que atravessa o núcleo antigo para nascente, entre os cerros do Castelo, da Matriz e da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, tão evidenciados na representação quinhentista de Alcoutim, a partir de sul, de Duarte de Armas. À luz do urbanismo tardo-medieval e moderno, esta linha coincide, com a antiga Rua Direita, orientando as ruas e as travessas, organizando quarteirões alongados, e constituindo a encruzilhada com a ligação ao Algarve, para sul, e ao Alentejo, para norte. É uma composição fixada, na relação dos espaços intramuros e extramuros da cerca seiscentista, pelas portas de Tavira, de Mértola e do Mar, conforme legenda da carta aquarelada da praça de Alcoutim de José de Sande Vasconcelos (1788).

Os trabalhos arqueológicos revelaram o que seria, certamente, uma tipologia recorrente no início do período moderno, coerente com os princípios genéricos descritos



Fig. 4 Entaipamento do vão de acesso entre a casa de fora e a casa de dentro de uma das habitações localizadas na extremidade noroeste do terreno



Fig. 5 Pavimento de argamassa do final do século XVIII

para o urbanismo da vila, correspondendo à pequena habitação de casa dianteira e câmara disposta em profundidade (a que, por vezes, se acrescentavam ainda outros cômodos), com ou sem logradouro. Este estudo permitiu, assim, atribuir uma configuração e materialidade a um modelo de habitação recorrente na documentação tardo-medieval e moderna portuguesa, em diferentes geografias, que, sem prejuízo da emergência de outros modelos, acabou por se conservar, na região, até ao presente (Costa, 2014, pp. 286-288). A implantação em declive, em que a cada um destes espaços corresponde a sua cota de pavimento (com degraus e poiais de transição) e a delimitação com paredes estruturais, constitui um tema de continuidade evidente, entre as habitações escavadas nos níveis mais baixos e as habitações levantadas no âmbito dos estudos sobre a arquitetura vernacular. Esta continuidade é ainda confirmada pela autonomia que cada um dos compartimentos adquiria, quando passavam frequentemente de uma habitação para outra, através da abertura e do encerramento de vãos.

Em qualquer caso, o estudo da transformação da ocupação da presente parcela regista também o caráter específico de Alcoutim, enquanto núcleo pobre, de pequena dimensão, pouco sujeito a processos relevantes de densificação e de crescimento em altura do conjunto edificado. Ainda que a sua organização estivesse historicamente vinculada a uma morfologia urbana distinta da que caracteriza os aglomerados rurais, a imagem da habitação corrente, marcada pela preponderância da casa térrea, é salvo raras exceções muito idêntica à que encontramos nos montes dispersos pelo termo da vila (Costa, 2014). A tendência para o aumento da superfície de algumas habitações, durante o Antigo Regime, restringiu-se aqui, na maior parte dos casos, à aglutinação de edificações contíguas (com reconfiguração da estrutura predial) e à ocupação de parte do logradouro. É um processo que recorda a transformação do conjunto edificado da zona mais baixa da vila intramuros de Mértola, ainda que ali tornado bem mais complexo pela ampliação em altura e pela maior densificação do tecido edificado (Costa, 2015, pp. 100-115). Tal como ocorreu em algumas das habitações da vila velha de Mértola, também aqui a ampliação gradual da habitação resultou na integração da cozinha no tardo, enquanto espaço de transição para o logradouro.

Por fim, importa considerar um outro momento de transformação da arquitetura corrente, registado nestes trabalhos arqueológicos, que é muito frequente a partir da segunda metade de oitocentos, mas que aqui ocorre mais tardiamente. Referimo-nos à alteração do modelo estrutural do edifício, com demolição de parte

das paredes maciças, inclusão de uma nova solução de cobertura e compartimentação do espaço interior com recurso a paredes ligeiras (no presente caso, tijolo maciço) associada à frequente integração do corredor. Este tipo de intervenção acabou, quase sempre, por ocultar os diferentes estágios da transformação do conjunto edificado do Antigo Regime, inviabilizando a sua leitura através da Arquitetura (considerando, por exemplo, a organização do espaço ou da composição da fachada), mas já não, como é bem evidente aqui, através da Arqueologia. Os presentes trabalhos arqueológicos permitiram assim estabelecer a aproximação entre a documentação histórica e a arquitetura vernacular, assumindo-se a arqueologia como disciplina fundamental para o reconhecimento de alguns dos temas de permanência e transformação da habitação, contribuindo desse modo para a história da arquitetura doméstica corrente.

Bibliografia

- Borrvalho, A. G. (2015). "O Transporte de Correio por Caminho de Ferro". *O Mensageiro do Algarve*. Ano III, 9, pp. 3-17.
- Catarino, H. (1994). "Arqueologia Medieval no Algarve Oriental. Os Castelos de Alcoutim". *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana, Encuentro Internacional de Arqueología del sudoeste*. Huelva: Grupo de Investigación Arqueológica del Patrimonio del Suroeste, Universidad de Huelva, pp. 657-671.
- Catarino, H. (1997-98). "O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados". *Al-ulyã*. 6.
- Catarino, H. (2003). "Cerâmicas da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim". *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 161-177.
- Costa, M. R. (2014). *Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve*. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, M. R. (coord.) (2015). *Mértola. A arquitetura da vila e do termo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Duarte de Armas [1510] (1997). *Livro das fortalezas*. Fac-símile do Ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa: ANTT.
- Gradim, A. (2006). *Alcoutim Urbano e Rural. Dos finais da Idade Média ao fim do antigo regime*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Alcoutim.
- Gradim, A. (2008). "Os condes Meneses e a vila moderna de Alcoutim". *Al Gharb*, Revista Cultural do Algarve, 3, pp. 38-44.
- Magalhães, N. (2008). *Algarve: Castelos, Cercas e Fortalezas*. Faro: Letras Várias, Edições e Arte.
- Mendes, A. R. & Pereira, D. (2010). *Alcoutim. Terra de Fronteira*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- Nunes, A. M. A. (1985). *Alcoutim: Capital do Nordeste Algarvio (Subsídios para uma Monografia)*. Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- Sande Vasconcelos, J. (1788). *Mappa da configuração de todas as praças fortalezas e baterias do reyno do Algarve*. Disponível em <http://purl.pt/762> [Acedido a 27 de julho de 2020].
- Varanda, F. (2015). "Pão e Construção. A Paisagem construída representada por Mértola, no último quartel do século XX" in AA.VV. *1.º Congresso-Internacional Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Argumentum/ Campo Arqueológico de Mértola, pp. 86-89.